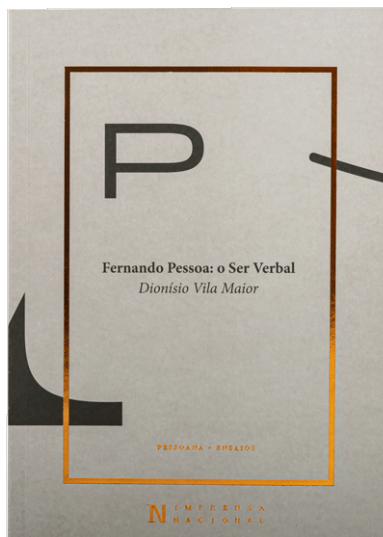


Um *opus magnum*

[An *opus magnum*]

Isabel Ponce de Leão*

VILA MAIOR, Dionísio (2023). *Fernando Pessoa: O Ser Verbal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 414pp. (Coleção “Pessoana”) [ISBN: 978-972-27-3100-3].



“Os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia. Pessoa, que duvidou sempre da realidade deste mundo, aprovaria sem vacilar que se fosse diretamente aos seus poemas, esquecendo os incidentes e acidentes da sua existência terrestre”. Lembro de memória o início do ensaio *O Desconhecido de Si Mesmo*, de Octávio Paz, considerado um dos textos críticos mais marcantes e esclarecedores sobre Pessoa. Evoco-o por uma razão capital: reforçar a necessidade de, na leitura de um texto literário ou de uma obra literária, nos comprometemos obrigatoriamente com os princípios metodológicos tocantes à compostura e objetividade críticas. Leio *Fernando Pessoa: O Ser Verbal*, de Dionísio Vila Maior

(DVM), Professor Catedrático de Estudos Portugueses, na Universidade Aberta, e são aquelas palavras que desde logo saliento para particularizar este livro: 16 ensaios que constituem um exame crítico honesto, sério, apurado, alicerçado numa muito disciplinada sistematização de diversas problemáticas. É este livro, acima de tudo, uma obra que — sistematizando e reavaliando leituras estabelecidas que se fizeram e ainda se fazem sobre “uma das personalidades mais fecundas e pujantes da literatura mundial”, como escreve o autor na Nota Introdutória (p. 14) — assenta basilarmente numa visão dialógica da produção de Fernando Pessoa e revela, ao mesmo tempo, cuidado metacrítico e escrupuloso enfoque hermenêutico de problemáticas consideradas centrais dos estudos pessoanos. Funda-se, assim, a postura crítica de Dionísio Vila Maior num variado diálogo com a diversidade dos estudos pessoanos, o que obriga a um posicionamento fundamentado numa pluralidade epistemológica. E se as suas leituras mostram um evidente recurso a estratégias e formulações provenientes de matrizes epistemológicas adequadas a um enquadramento metodológico diverso (com incidência na esfera da teoria bakhtiniana), as mesmas imputam à aproximação crítico-literária o protagonismo hermenêutico — prova, afinal, do seguro percurso de docência universitária e investigação do autor de *Ser Verbal*.

* Universidade Fernando Pessoa.

Por razões que ligam às minhas atividades académicas, fui acompanhando o já longo percurso crítico pessoano de DVM, percurso esse desde logo marcado em 1994 pela publicação de uma obra de referência – *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo* –, resultado da sua dissertação de mestrado orientada por Carlos Reis. Desde então, o autor foi publicando outras obras consideradas hoje de leitura obrigatória. Para além de *O Sujeito Modernista. Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito* (2003) – obra que resulta da sua tese de doutoramento, igualmente orientada por Carlos Reis –, lembro outras, como, por exemplo: *Introdução ao Modernismo* (1994); *Literatura em Discurso(s). Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade* (2001); *Estudos Pessoaanos* (2004); *Sob o Signo de Calíope. Sentidos Modernistas* (2018); *Il Modernismo Portoghese. Guida alla lettura con antologia selezionata* (2021). Entretanto, DVM foi convidado a proferir conferências sobre Pessoa um pouco por todo o mundo, por conceituadas universidades europeias, brasileiras e norte-americanas. E, ao longo deste percurso, foi igualmente publicando em revistas de referência um conjunto extenso de ensaios, que compõem neste *Fernando Pessoa: O Ser Verbal*.

Em “**Uma discursividade polifónica**”, é abordada a problemática da heteronímia pessoana, à luz das teses de Mikhail Bakhtine, procurando DVM dimensionar a heteronímia como um espaço polifónico e pluridiscursivo –mostrando até que ponto é admissível dimensionar a heteronímia como um espaço plural. Nesse sentido, reflete sobre o vasto campo das Teorias do Sujeito e da Linguagem, de Bakhtine: analisando e articulando os termos *alteridade*, *dialogismo* e *polifonia / pluridiscursividade*; avaliando as consequências do contexto histórico-cultural e literário que envolve Pessoa no *discurso* deste; enquadrando os heterónimos numa discursividade de teor alteronímico, dialógico e polifónico, procurando considerar até que ponto os intuitos inerentes à eficácia dos seus *discursos* visam a autonomia daqueles.

Já no ensaio anterior, o autor promove uma *leitura dialógica* entre dois poetas geniais, no ensaio “**Fernando Pessoa e a voz de Shakespeare**”. Aí, reflete sobre o sentido de emulação perceptível em alguns textos de Pessoa, no que às relações que com Shakespeare diz respeito. Neste ensaio, DVM aborda a relação de pensamento e de admiração que Pessoa manteve, ao longo de toda a sua vida, com Shakespeare, bem como a relação dialógica possível de deduzir nos procedimentos de criação heteronímica pessoana e na criação de personagens shakespearianas. Por essa perspectiva, concentra-se em diversas questões: no *problema shakespeariano*; na problemática da *alteridade*; na conceção pessoana de *poeta dramático*, dos “graus da poesia lírica” e da *dinâmica dialógica* inerente à heteronímia de Fernando Pessoa; no problema da *figuração psicológica* inerente a Pessoa e a Shakespeare; na “ansiedade da influência”.

No segundo ensaio, “**O instinto modernista**”, desenvolve considerações sobre a crise de valores que marcou os finais do século XIX e os princípios do século XX, relembrando, por um lado, que essa crise se traduziu na necessidade de se ter em consideração um quadro geral onde prevalece o valor de *desterritorialização* do

discurso monológico, validado pelas noções de *subversão*, *pluridiscursividade* e de *decadência* e, por outro lado, que a leitura dessa crise deve estar de acordo com a precisão histórico-literária e teórico-metodológica, assim se apreender melhor o *gesto* vanguardista.

Visão muito interessante é igualmente a que DVM oferece nos ensaios seguintes. Em **“Figurações e propósitos do processo autorreflexivo”**, reflete sobre o processo de produção poética de Pessoa, com incidência na sua *consciência* poética, sublinhando o autor alguns dos pressupostos teóricos de Pessoa acerca do ato de produção literária – pressupostos esses relacionados com um leque de noções, como, entre várias outras, *alteridade*, *desdobramento*, *verdade*, *mentira*, *fingimento*, *exotopia*, *autoconsciência* e *interioridade reflexiva*. Já em **“A Arte e a nostalgia do encantamento”**, interpela a concepção de arte como forma de *conhecimento*, acentuando a vivência da totalidade artística comprometida com o *continuum* entre o temporal e o eterno – ideia compaginável com a *tristeza essencial* configurada no ato de produção artística (Pessoa), com o paradoxo envolvido por esse ato no jogo permanente de *perde-ganha* (Bourdieu), com a noção de *negatividade* subjacente à produção do *objeto* artístico (Adorno), com a *responsabilidade* implicada pela sua produção e pela sua receção (Steiner) e com a duplicidade histórica entre o desejo de *encantamento* e o de *estranhamento* encerrados na sua finalidade. Nesse sentido, DVM insiste na concepção que Pessoa tem da “Arte suprema” (que ele considera ser a Literatura), encarada como processo de *personalização* e de *despersonalização*. E, orientado o autor por esta ideia, desenvolve neste ensaio uma reflexão sobre o trabalho do artista e os propósitos da arte, para terminar com uma leitura sobre as consequências (como, por exemplo, a dissolução do encantamento do pensamento mágico adorniano) a que conduzirá a racionalização subjacente ao positivismo lógico da Ciência.

Os quatro ensaios seguintes são fundamentalmente dedicados aos três heterónimos pessoanos. Em **“Alberto Caeiro e as lições de Fernando Pessoa”** e em **“Alberto Caeiro e a terna perversidade poética”**, o autor apresenta algumas reflexões que assentam nas lições que Pessoa, pela *voz* do mestre Alberto Caeiro, nos ofereceu. No primeiro, aborda a relação entre final / início de século e o perfil do professor de Português e de Literatura, matizando esta problemática com algumas reflexões que assentam fundamentalmente num ponto nuclear: as lições que podemos retirar do poema VIII d’O *Guardador de Rebanhos*. Assim, lembra DVM o modo como Caeiro acabou por edificar uma *filosofia da imaginação*, que permitiria aos seus leitores nunca perder de vista a funcionalidade do *discurso literário*. E, quando o que está em causa é um processo de ensino / aprendizagem, esse processo não se pode dissociar das funções do professor de português e de literatura, de entre as quais se ressalta a de consciencializar, a de corrigir e aperfeiçoar (desenvolvendo e estimulando a *imaginação* do aluno), a de prolongar o encontro do aluno com as estabilidades que a língua e a literatura portuguesas oferecem. No segundo, DVM apresenta a poética, paradoxal, de Caeiro, no que diz essencialmente respeito ao seu objetivismo sensacionista, à sua

desmistificação da Natureza naturante, à sua antifilosofia e antimetafísica, bem como à lição última que, também com Caeiro e Pessoa, devemos aprender: a percepção homeostática, vital, do humano e do não humano. No ensaio **“Revisitando a regra clássica de Ricardo Reis”**, DVM sistematiza a poética deste heterónimo, desenvolvendo, de forma muito estruturada, linhas axiais e programáticas que definem o seu pensamento e a sua produção poética, de forma a perceber-se a dimensão pedagógica neles presente. Já no último destes quatro ensaios, **“Álvaro de Campos, Pessoa, Almada e Sá-Carneiro: as frágeis resistências do eu total”**, lembra o contexto histórico europeu dos inícios do século XX, profundamente caracterizado pelo triunfalismo excessivo e por um intenso desassossego – sensação diversamente representada por Pessoa, Almada e Sá-Carneiro. Paralelamente, o discurso da subjetividade, o discurso da pluralidade e o vaticínio pessoano da ‘criação científica do Super-Homem’ tornam-se, a este nível, questões incontornáveis, encontrando-se as fórmulas paradigmáticas daqueles três modernistas na representação quer de uma determinada *totalidade*, quer da impossibilidade dessa mesma fruição.

À *Mensagem* e ao *Livro do Desassossego* dedica igualmente DVM a sua atenção em dois ensaios: **“A Mensagem e o sentido do tangível”** e **“O Livro do Desassossego e a essência literária da escrita”**. Encara o texto ortónimo como domínio textual onde variavelmente se manifestam múltiplas virtualidades de informação estética, tendo essencialmente em conta o seu perfil de texto mítico-épico dos tempos modernos, bem como, entre outras, algumas linhas temáticas centrais relacionadas com a conceção quinto-imperialista e sebastianista. Quanto ao *Livro do Desassossego*, reflete DVM sobre problemáticas importantes, como, por exemplo: a problemática da *referencialidade*; o sentido de *liberdade* que se encontra na esfera do literário; o modo como o Soares vai fixando a (re)constituição de um *eu* na sua “autobiografia sem factos”; a desconstrução do autobiográfico e a compleição diarística que acaba por determinar em parte o processo de *representação* do *Livro*; a busca identitária por parte de Soares, que procura reconstruir-se através do vigor estético-literário com que vai divagando constantemente sobre núcleos temáticos rubricados pela angústia, pelo ceticismo.

O equacionamento da temática amorosa e da discursividade alteronímica feminina comparece noutros três ensaios. Em **“Pessoa e Eros”**, DVM aborda a figuração do erótico em Fernando Pessoa, enquanto espaço pluri-isotópico do *interdito*; em **“Da essência amorosa à demanda da totalidade”**, desenvolve a tese segundo a qual podemos encarar o fenómeno amoroso como um fenómeno cuja vivência é marcada por um registo de essencialidade, de fragmentação do sujeito e de fingimento, permitindo-nos por aí considerar as estratégias pessoanas para resgate da perfeição e da unidade do sujeito. Em **“Alteridade e Discurso Feminino”**, escrito em 1993, desenvolve pertinente reflexão sobre um texto de Pessoa assinado pelo pseudónimo feminino Maria José, operacionalizando-se a leitura desse texto no âmbito hermenêutico dos Estudos Femininos.

O pensamento de Pessoa sobre a língua portuguesa, as línguas universais, o Quinto Império e o imperialismo cultural não são tão-pouco esquecidas. Em **“Diálogo com a lusofonia”**, DVM segue o pensamento de Pessoa e trabalha sobre matrizes operatórias configuradas por termos e conceitos como *língua*, *discurso identitário*, *unidade* e *diversidade*, consolidando a noção que fundamenta o princípio de existência de uma ampla Comunidade linguística lusófona traçada pelo diapasão da unidade.

No último texto, **“Fernando Pessoa e a mitificação do génio”**, o autor prova, mais uma vez, cuidadosa e calculada sistematização, na disposição sequencial dos seus ensaios; nele estuda as reflexões de Pessoa sobre as particularidades essenciais da *anima* portuguesa, acabando por emprestar ao poeta dos heterónimos a possibilidade de nele comparecer a consciência da sua própria genialidade. Por esse prisma, DVM empresta a Pessoa uma consciencialização da vitalidade, da memória e da identidade coletiva dessa *anima*, lembrando o autor que o poeta dos heterónimos acaba por registar, em diversos passos da sua produção, a consciência de clara excecionalidade da sua própria obra, pelo contributo que ela traz para a Arte Superior – cujo propósito, conforme Pessoa repetidamente diz, é “o aperfeiçoamento subjectivo da vida”.

Fernando Pessoa: o Ser Verbal, opus magnum do autor, institui-se incontornável e reconhecida referência no âmbito dos estudos pessoanos. E refiro-me a este reconhecimento como forma subtil de hoje se poder considerar Dionísio Vila Maior como um dos mais reputados pessoanos, como, aliás, sublinha Arnaldo Saraiva na nota prefacial aposta – “Um ensaísta Polifónico” –, onde considera:

O filho de um crítico musical deixou-nos uma música superior, que o professor de literatura e diretor artístico Dionísio Vila Maior vem polifonicamente analisando e promovendo há quase três décadas. Hoje, podemos com razão considerá-lo um dos mais reputados sucessores de pessoanos ilustres como – para citar só meia dúzia – Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, Jorge de Sena, Maria Aliete Galhoz, António Quadros e Eduardo Lourenço.

ISABEL PONCE DE LEÃO é Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, membro do Centro de Estudos Globais (CEG – U. Aberta), do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS – U. Minho), do Círculo de Estudos do Centralismo (CEC) e do INfAST; vogal do Conselho de Administração da Cooperativa Árvore e vice-presidente do Centro de Estudos Regionais. Como docente e investigadora colabora com outras instituições de ensino superior, em Portugal, América Latina, sobretudo Brasil, e vários países europeus. Faz parte do conselho editorial e / ou científico de várias revistas, jornais e outras publicações e integra comissões científicas de colóquios, congressos e outros eventos, que também promove, bem como júris académicos e de prémios literários aos níveis nacional e internacional. A sua atividade estende-se à comunidade civil cooperando com diversas Câmaras Municipais, particularmente com a do Porto, onde é Presidente da Comissão de Toponímia. Áreas de investigação: Jornalismo Cultural, Antropoceno, Ecocrítica, Literatura Moderna e Contemporânea e Interartes. É autora de inúmeras publicações, particularmente nas duas últimas áreas referenciadas.

ISABEL PONCE DE LEÃO is a Full Professor at the Faculty of Humanities and Social Sciences of the Fernando Pessoa University in Porto, Portugal. She is a member of the Center for Global Studies (CEG – Open University), the Center for Communication and Society Studies (CECS – University of Minho), the Center for the Study of Centralism (CEC), and INfAST. She serves as a board member of the Árvore Cooperative and is the vice-president of the Center for Region Studies. As a teacher and researcher, she collaborates with other higher education institutions in Portugal, Latin America, especially Brazil, and various European countries. She is part of the editorial and/or scientific boards of several journals, newspapers, and other publications and participates in scientific committees for colloquia, conferences, and other events, which she also promotes. She is also involved in academic juries and literary awards at the national and international levels. Her activities extend to the civil community, collaborating with various Municipal Chambers, particularly with the Porto Chamber, where she is the President of the Toponymy Commission. Her research areas include Cultural Journalism, Anthropocene, Ecocriticism, Modern and Contemporary Literature, and Interarts. She is the author of numerous publications, particularly in the last two mentioned areas.